

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

INTELECTUAIS E BUROCRATAS: O EDUCADOR, O POETA, O MINISTRO E O DITADOR

Maria Cristina Périgo do Nascimento
Universidade Federal do Paraná
mariacrisperigo@yahoo.com.br

Preso à minha classe e a algumas roupas,
Vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjoo?
Posso, sem armas, revoltar-me? [...]
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.
Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados. [...]
Uma flor nasceu na rua! [...]
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto. [...]
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Carlos Drummond de Andrade, “A flor e a náusea”, em *Rosa do Povo* (1945)

No poema “A flor e a náusea”, sentimos o desgosto do poeta. Caminhando pelas ruas da cidade, ele pensa em se revoltar, mas se sente impotente, sem armas para lutar: “Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo”, diria ele em outro poema seu (“Sentimento do mundo”, em *Rosa do Povo*, de 1945). Ele observa os homens. Vê que caminham mecanicamente vivendo à mercê da realidade imposta pelos jornais. E então se sente culpado: “Calo-me, espero, decifro. As coisas talvez melhorem”. É quando avista uma flor na rua. A flor venceu o asfalto. E as suas palavras: “roucas e duras, irritadas, enérgicas, comprimidas há tanto tempo, [...] apenas querem explodir”

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

(“Nosso tempo”, em *Rosa do Povo*, de 1945). Ressurge assim a esperança do poeta: “É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”

Esses poemas marcam a fase engajada do poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)¹. Drummond foi um esquerdista que esteve nos bastidores da ditadura getulista e sua obra favorável à democracia foi produzida no mesmo período – “Crimes da terra, como perdoá-los? Tomei parte em muitos, outros escondi” (“A flor e a náusea”, em *Rosa do Povo*, de 1945)². O período ficou conhecido como Estado Novo. Um golpe de Estado – em prol da defesa da segurança nacional e contra uma suposta ameaça comunista – levou Getúlio Vargas (1882-1954), em 10 de novembro de 1937, ao poder. Seu governo ditatorial terminou em 1945, quando Getúlio foi obrigado a renunciar por conta de um movimento militar liderado por generais do Exército brasileiro (D’ARAÚJO, 2000).

O Ministério da Educação (MEC) foi fundado em 1930 pelo presidente Getúlio Vargas. Político mineiro – interventor e senador de Minas Gerais –, Gustavo Capanema (1900-1985), entre 1934 e 1945, dirigiu o então chamado Ministério da Educação e Saúde. Assim que foi nomeado ministro da Educação, Capanema convidou Carlos Drummond de Andrade para segui-lo ao Rio de Janeiro. O poeta já havia sido oficial de gabinete na secretaria comandada por Capanema, em Minas Gerais. Era seu homem de confiança!

No Estado Novo um bom número de intelectuais brasileiros via no poder público uma oportunidade de emprego, promoção ou benefício, por mais que isso muitas vezes dificultasse uma possível postura de oposição³. Durante o período, os espaços para a participação dos intelectuais na política foram ampliados e para isso

¹ Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira do Mato Dentro (MG), em outubro de 1902. Foi funcionário público por mais de 40 anos, desde que iniciou a carreira burocrática ainda em Minas Gerais, em 1929. Em 1934, se mudou para o Rio de Janeiro para trabalhar como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, também mineiro. Drummond foi um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, morreu em 1987.

² Para a análise que aqui faço o viés biográfico é interessante. Mas não estou desconsiderando a importância do eu poético na análise da obra do poeta, mesmo que em muitos de seus poemas Drummond opte por usar seu próprio nome “Vai, Carlos! Ser gauche na vida” (“Poema de sete faces”, *Alguma poesia*, de 1930). Como diria Antonio Candido (2011, p. 68) sobre a obra de Drummond, “não importa saber até que ponto autobiográfica”.

³ Sobre a relação de dependência dos intelectuais com o poder instituído no Estado Novo, o livro de Sérgio Miceli, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, publicado em 1979, é leitura obrigatória.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

diferentes instrumentos foram utilizados, como, por exemplo, a Rádio Nacional ou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que fornecia emprego a redatores, desenhistas e ilustradores – mas também a censores. O DIP objetivava controlar as informações (dos jornais, cinema e rádio). Juntamente com a Rádio Nacional, contribuiu para disseminar uma imagem positiva de Vargas⁴.

É no contexto do Estado Novo, e alinhado aos intelectuais da época, que um outro mineiro, Fernando de Azevedo (1894-1974)⁵, produziu o livro *A cultura brasileira*, encomendado pelo governo de Vargas⁶. Na obra é atribuída grande importância ao papel dos intelectuais na produção da cultura e na formação de mentalidades por meio da educação. As iniciativas culturais do governo faziam parte de um projeto modernizador implementado pelas elites políticas com o apoio das elites intelectuais, que se inseria na ideia de **cultura**, dada por Azevedo. Segundo o educador, a **cultura** e a **civilização** – dois conceitos que rivalizariam com o atraso do Brasil, um país inculto e pouco civilizado – deveriam ser encaradas como:

A cultura, nas suas múltiplas manifestações, sendo a expressão intelectual de um povo, não só reflete as ideias dominantes em cada uma das fases de sua evolução histórica, e na civilização de cuja vida ele participa, como mergulha no domínio obscuro e fecundo em que se elabora a consciência nacional. [...] Que a civilização se apresenta, entre nós, com os seus caracteres fundamentais, não há sombra de dúvida. A doçura de costumes, o respeito à pessoa humana, a tolerância e a hospitalidade, nas relações entre os cidadãos e em face do estrangeiro, o espírito de ordem e o culto da paz, o aperfeiçoamento constante da organização jurídica e da técnica social e, mais

⁴ Acerca das representações políticas e encenações publicitárias do poder durante o período, ver o livro *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*, de Maria Helena Rolim Capelato.

⁵ Fernando de Azevedo nasceu em São Gonçalo de Sapucaí (MG), em 02 de abril de 1894, e faleceu em São Paulo capital, em 1974. Foi educador, professor, sociólogo, crítico literário. Figura importante do Movimento da Escola Nova, redigiu o Manifesto dos Pioneiros e participou ativamente da formação da universidade brasileira. Como burocrata, exerceu o cargo de diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1926 a 1930) e de São Paulo (1933). Respondeu, também, pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (1942). Ainda em 1942, comandou o Centro Regional de Pesquisas Educacionais, em São Paulo.

⁶ O livro *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil* foi uma solicitação do governo Getúlio Vargas. Azevedo deveria escrever a Introdução ao Censo de 1940. A obra é o primeiro tomo do volume 1 – Introdução – da Série Nacional das publicações do Recenseamento Geral do Brasil, de 1º de setembro de 1940, conforme consta em nota dos editores no livro. Neste sentido, ela foi veículo de divulgação de uma perspectiva de educação e das intenções do governo de Vargas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

recentemente, o sentido do conforto, desenvolvido com as aplicações das ciências à vida material, põem à evidência o grau de civilização que já atingimos, e que, ainda comparado com os povos mais civilizados, só nos pode desvanecer sob diversos aspectos (AZEVEDO, 1944, p. 11).

O livro de Azevedo divide-se em três partes: **Parte I – Os fatores da cultura:** traz as condições geográficas, históricas, sociais e políticas da cultura. Vai desde a posse geográfica por parte do colonizador europeu até o desenvolvimento industrial promovido pelo Estado Novo; **Parte II – A cultura:** traz um painel das distintas formas de cultura do país: literária, artística e científica, dando destaque à história das instituições culturais brasileiras desde a Colônia; **Parte III – A transmissão da cultura:** é quando o autor constrói a sua versão sobre a história da educação brasileira (XAVIER, 1998).

A ideia central da terceira parte – que mais tarde ganhou edição solo – é a de que a história do sistema de educação brasileiro é dispersa e fragmentada, mas vai evoluindo em direção a uma racionalidade e unidade. Neste sentido, a essência da educação deve ter relação a finalidades tanto práticas como úteis. O problema da educação é de ordem filosófica e política e a escola tem papel fundamental na mudança de mentalidade. Neste sentido, Azevedo destaca a importância do papel do intelectual na produção da cultura e na formação da mentalidade por meio da educação. O intelectual moderno, para ele, teria uma missão social e, dada a sua posição, a capacidade de interferir de forma racional na sociedade (XAVIER, 1998).

Um dos feitos mais importantes de Fernando de Azevedo foi, em 1932, atuar como redator e signatário do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, “A reconstrução educacional no Brasil – ao povo e ao governo”, juntamente com Anísio Teixeira (1900-1971), um dos principais defensores da educação – que, por questões ideológicas, durante a ditadura varguista optou por dedicar-se somente a seus negócios privados. Teixeira iniciou cedo a carreira de administrador público (1924). Foi inspetor geral na Bahia, seu estado natal. Mais tarde, ingressou na Universidade Columbia, em Nova Iorque. Em 1931, retornou ao Brasil trazendo importantes tendências progressistas para a educação. Aqui, passou a residir no Rio de Janeiro, a ocupar a diretoria da instrução

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

pública do Distrito Federal e a articular o grupo de intelectuais que iria remodelar a educação brasileira. Teixeira também foi diretor do, na época, Instituto Nacional de Pedagogia (Inep) – criado em 1937.

O Movimento pela Escola Nova no Brasil foi liderado por Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi assinado por 26 intelectuais e **pregava a expansão da escola pública, laica e gratuita**. Algumas proposições da Escola Nova: Educação – escola ativa (o aluno é o centro do processo de ensino e aprendizagem); Psicologia – interesse psicológico em relação à criança e à atividade educacional (aplicação de testes de inteligência); Medicina – cuidados com a higiene, alimentação e formação física (e controle dos hábitos familiares); Tecnologia – utilização da biblioteca, museu, rádio, cinema.

No texto “O novo, o velho, o perigoso: relendo *A cultura brasileira*”, Marta Carvalho (1989, p. 31) afirma que “O leitor [d’ *A cultura brasileira*] que se perguntar pelo conteúdo real do embate entre ‘novos’ e ‘velhos’ não encontrará resposta satisfatória.” Há um discurso (que permanece) que contrapõe duas formas de ensino, a tradicional e a nova. Esta última se baseia nas proposições da Escola Nova, que se opôs ao ensino tradicional (mais conservador). Para Carvalho, a oposição entre o “velho” e o “novo” está enraizada na repercussão da obra *A cultura brasileira*, de Azevedo, que serviu como modelo para pensar a educação e se estendeu às décadas posteriores – forjou uma “memória histórica”. Para Azevedo, segundo a autora, tratava-se de uma: “[...] marcha gloriosa e avassaladora do ‘novo’, batendo em diversas frentes contra o ‘velho’, o ‘tradicional’, o ‘arcaico’. Ter-se-ia estabelecido no país ‘um novo estado de coisas’” (CARVALHO, 1989, p. 30).

Num movimento de imposição do “novo” sobre o “velho”, Azevedo homogeneizou os grupos atuantes no cenário da educação no Brasil da década de 1930, ocultando os conflitos que caracterizaram o momento – a “zona perigosa”, como ele chamou. Ao expulsar da sua investigação questões que se referem a essa “zona perigosa”, o debate entre os “novos” e os “velhos” ficou esvaziado em *A cultura brasileira*. Era o preço a ser pago por fazer parte do Estado Novo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

Outro embate semelhante entre novos e velhos, que se deu então anos antes, no campo cultural, foi a Semana de 1922⁷. Na segunda noite da Semana de Arte Moderna de São Paulo, o escritor Ronald Carvalho (1893-1935) declamou o poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira (1886-1968) – escrito em 1919 –, que ridicularizava o Parnasianismo, movimento literário anterior ao Modernismo. Foi a noite mais agitada do evento, em virtude dos gritos e das vaias do público. Sua repercussão marcou a forma de tratamento dada pela história da literatura aos parnasianos brasileiros.

Mas nem sempre havia harmonia entre o que os modernistas pregavam e o que produziam na prática, eles foram contraditórios. Isso porque, tanto a Semana de Arte Moderna quanto o Movimento da Escola Nova, fizeram parte de um processo de mudança que já ocorria no país. Ambos caracterizam um momento de transição cultural. Em 1926, n’*O Estado de S. Paulo*, Fernando de Azevedo produziu o memorável *Inquérito sobre a Instrução Pública*, debatendo a necessidade da criação da universidade no Brasil, o acontecimento repercutiu em todo o país. No Inquérito, que mais tarde virou livro, o próprio Fernando de Azevedo ressaltou o processo de mudança que o país vivia na época:

Esse amplo inquérito marca efetivamente um período agudo de fermentação de ideias com que, nos domínios da educação, já se processava um movimento francamente renovador, igual ao que se manifestara na arte e na literatura, e que culminou na Semana de Arte Moderna (AZEVEDO, 1960, p. XXIX).

Os dois movimentos buscavam uma mudança de mentalidade. Neste sentido, destaco quatro lugares estratégicos para a efetivação desse projeto: a imprensa; as editoras; a instituição escolar; e o Estado. Tanto os idealizadores da Semana de Arte Moderna como do Movimento pela Escola Nova tiveram a habilidade de se valer,

⁷ Manifestação artística e cultural, a Semana de Arte Moderna de São Paulo ocorreu no Theatro Municipal de São Paulo, de 13 a 18 de fevereiro de 1922 – lugar privilegiado da elite conservadora paulista. O evento foi realizado em oposição às correntes vigentes que marcavam o gosto das classes ricas de São Paulo: o Parnasianismo na literatura e o Academicismo nas artes visuais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

principalmente da imprensa, para insuflar o debate, e do Estado, para colocar em marcha seus projetos culturais⁸.

Fernando de Azevedo e Carlos Drummond de Andrade – dois oportunistas desinteressados?

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro. [...]
Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

Carlos Drummond de Andrade, “Confidência do itabirano”, em *Sentimento do mundo* (1940)

O diálogo com os intelectuais e a prestação de favores a eles não foram iniciativas isoladas, mas correspondiam às diretivas do ministro Capanema, que buscava o desenvolvimento da atividade cultural e artística no Brasil. Com uma gestão moderna, o mineiro fundou órgãos importantes, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Também se aliou a vários intelectuais além de Carlos Drummond de Andrade, como o escritor Mário de Andrade (1893-1945) e o músico Villa-Lobos (1887-1959).

Capanema também tomou partido no debate travado entre os renovadores (pioneiros), que defendiam um ensino laico como responsabilidade do Estado, e os conservadores (católicos), que ansiavam por uma educação sem interferência do governo – foi adepto aos últimos. A despeito desse embate, a figura de Capanema ganha

⁸ Sobre o papel da imprensa para instigar o debate entre renovadores *versus* conservadores, numa tática de morde e assopra, a polêmica entre o crítico de arte Monteiro Lobato (1882-1948) e a pintora modernista Anita Malfatti (1889-1964) é um bom exemplo desse tipo de artifício. O reboiço que o crítico causou na imprensa por conta da exposição de Malfatti aconteceu em 1917, ou seja, antes da Semana de Arte Moderna. Em um de seus artigos, “Paranoia ou mistificação?”, ele chegou a chamar a obra de “degenerada”. Oswald de Andrade (1890-1954), mesmo sem conhecer Malfatti na época, saiu em sua defesa nos jornais – dizem que o acontecimento foi o estopim para a Semana.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

destaque na obra *A cultura brasileira*. Uma fotografia de Capanema, estampada na obra de Azevedo (figura 387), traz a seguinte legenda: “O Ministro GUSTAVO CAPANEMA, a quem se devem numerosas reformas, iniciativas culturais e realizações e, entre estas, a construção do edifício do Ministério de Educação e Saúde e de diversas Escolas Técnicas, no Brasil.” Azevedo não era um conservador, era um renovador. Isso fica bastante claro não só no Manifesto, mas no embate que insuflou na imprensa, bem diferente do que ele faz em sua obra máxima – *A cultura brasileira* –, em que homogeneiza os grupos atuantes e as relações de força que caracterizaram o momento.

O poeta Carlos Drummond de Andrade, como burocrata, também participou de grandes acontecimentos da história nacional. Acompanhou, por exemplo, o concurso para a construção do edifício modernista onde seria sediado o MEC, futuro símbolo da modernização do país, destacado por Azevedo. Apesar da participação no governo, alguns poemas de Drummond circulavam clandestinamente na época, em virtude da censura varguista. E muita da sua obra favorável à democracia foi produzida enquanto ele ainda fazia parte do quadro da ditadura. Em entrevista, quando questionado sobre ter sido um apoiador do governo Vargas, o poeta afirmou:

Nunca me considerei como tal e acho uma injustiça que se diga tal coisa. Vim para o Rio em 1934 para trabalhar com um amigo pessoal, do tempo de colégio, Gustavo Capanema. Em 1937 houve um golpe de Estado e Capanema continuou. Continuei a servir a ele da mesma maneira, não tinha a menor ligação com o Estado Novo. Vi o doutor Getúlio Vargas duas ou três vezes na vida. As minhas relações com o palácio eram burocráticas [...]. Eu tinha ideias de esquerda [...]. Saí do ministério e três meses depois fui ser codiretor do jornal comunista *Tribuna Popular* (ANDRADE, 1980)⁹.

Como agente do Estado, Fernando de Azevedo, numa posição privilegiada dentro do campo intelectual brasileiro, foi figura atuante no país. Ele foi um estudioso que acreditou na cultura e no seu papel fundamental para a mudança de mentalidade, por isso deu ênfase na organização cultural brasileira. Para Azevedo, o problema da

⁹ Entrevista de Carlos Drummond de Andrade concedida ao jornalista Zuenir Ventura, em 19 de novembro de 1980, para a revista *Veja*.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

educação no Brasil era de ordem filosófica e política e a educação teria papel central nessa mudança (XAVIER, 1998). N’A *cultura brasileira*, uma obra monumental de síntese, Azevedo ultrapassa e critica os textos que a antecedem. Bastante erudita, o autor não se preocupa com o detalhamento histórico – não é uma obra produzida dentro da academia, é um texto encomendado. Entretanto, sua permanência está bastante relacionada à história forjada. **A transmissão da cultura** (terceira parte do livro) tem papel importante na historiografia da educação, principalmente por conta de sua repercussão dentro do campo. Neste sentido, a obra se transformou numa memória da história da história da educação brasileira. Um modelo para pensar a educação que permanece até o fim dos anos de 1970, pelo menos. O embate entre os “novos” e os “velhos” produziu um sentido antitético entre a Escola Nova e a tradicional, carregando de negatividade tudo o que veio antes.

Finalmente, ao dar nuances sobre a figura de Fernando de Azevedo e sua principal obra – bem como acerca de Carlos Drummond de Andrade –, busquei pensar em suas posições dentro do campo intelectual e no contexto extratextual de suas produções. Minha intenção não foi julgar nem os homens, nem as obras – mesmo ciente de que não existe imparcialidade de minha parte –, mas refletir sobre suas possíveis intenções e visões, dialogando, quando possível, com o contexto político e com a intelectualidade da época – supondo uma possível rede de sociabilidade (KOSELLECK, 2006). Pensando nisso e para entender a atuação de Azevedo é que tentei aproximá-lo do poeta Carlos Drummond de Andrade, instigada pela seguinte fala de Antonio Candido:

[Azevedo] punha os interesses das reformas acima de regimes e partidos, os quais encarava frequentemente como **oportunidades e instrumentos**. Era, portanto (se for possível despir a expressão de qualquer sentido negativo), **um oportunista desinteressado**, contradição em termos que no entanto serve para caracterizar a sua natureza de reformador impetuoso e mesmo impaciente, disposto a pôr no primeiro plano as possibilidades de realizar os projetos que lhe pareciam essenciais. [...] mas ideologicamente tinha posições

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

definidas e sempre as proclamou, como socialista de cunho democrático que foi desde cedo. [...] (CANDIDO, 1994, p. 16, grifos meus)¹⁰.

Carlos Drummond de Andrade, durante doze anos, de 1937 a 1945, foi chefe de gabinete de Gustavo Capanema. A organização burocrática provia o poeta economicamente – um funcionário público por necessidade. Uma vida sem sobressaltos, como dizia o próprio Drummond, mas que o condenava à mesmice e à mediocridade que tanto torturavam seu eu-poético. Ser um burocrata e escritor era viver entre o privilégio e a maldição. Drummond também negava interesse por questões políticas e explicava sua presença no governo varguista, como vimos, puramente pela amizade com Capanema. No entanto, ele cumpria seu trabalho de burocrata não só com zelo, mas com devoção, chegando a representar, para muitos, uma extensão do próprio ministro Capanema.

As atuações de Azevedo e de Drummond no Estado Novo são passíveis de questionamentos e ainda suscitam muitas reflexões. Drummond, um dos mais importantes poetas do cenário cultural brasileiro, valeu-se de estratégias para manter-se e até mesmo agir dentro do campo da cultura. Azevedo não foi diferente, contudo, ele jamais foi absolvido pela história. Já Drummond teve uma sorte diferente. A sua genialidade o absolveu. A arte possibilita isso, uma espécie de “licença política” – para brincar com a expressão “licença poética” –, dada a sua transcendência. A educação, não. Isso porque o campo da educação orienta mentalidades e interfere diretamente não só na produção de valores como também em suas práticas. Criador, obras e posições políticas se confundem e transbordam para o mundo real, principalmente quando seus projetos são materializados (BOMENY, 2001).

Mas não podemos negar a contribuição dos dois. Como diretor-geral da Instrução Pública no Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, Azevedo foi figura importante na realização das reformas educacionais e na luta pela implementação da universidade brasileira. Em seus poemas, Drummond, preocupado constantemente com a consciência crítica, procurou se identificar com os problemas sociais de seu tempo, de

¹⁰ Vale ressaltar que Antonio Candido foi assistente de sociologia de Azevedo, na Universidade de São Paulo (USP) – de 1942 a 1958 –, mantinha uma relação pessoal com o educador.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

ANDRADE, C. D. de. Eu fui um homem qualquer. **Revista Veja**, São Paulo, Editora Abril, n. 637, p. 3-8, 19 nov. 1980.

ANDRADE, C. D. de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 2006.

AZEVEDO, F. **A educação na encruzilhada**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

BOMENY, H. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. *In*: BOMENY, H. (org.). **Constelação Capanema**: intelectuais e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Bragança Paulista: Ed. Universidade de São Francisco, 2001. p. 11-35.

CANDIDO, A. Um reformador. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 37, p. 11-17, 1994.

CANDIDO, A. Inquietudes na poesia de Drummond. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CAPELATO, M. H. R. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.

CARVALHO, M. M. C. de. O novo, o velho, o perigoso: relendo a cultura brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 71, p. 23-35, nov. 1989.

D'ARAÚJO, M. C. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

KOSELLECK, R. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. *In*: KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

XAVIER, L. N. Retrato de corpo inteiro do Brasil: a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 1, jan./jun. 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000100005
Acesso em: 28 out. 2020.